

# Árabes aderem; o Brasil fecha o "jumbo" 20 JAN 1984

por Milton Coelho da Graça  
de Nova York

"Está fechado", disse ontem a este jornal, no fim da tarde, uma fonte com acesso ao comitê dos bancos credores do Brasil. Ele revelou que William Rhodes, presidente do comitê, e o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, já haviam recebido garantias de que hoje chegarão os telex que completarão os US\$ 6,5 bilhões do empréstimo de dinheiro novo, fechando assim o "pacote" da fase 2 da renegociação da dívida brasileira.

Rhodes e Pastore, segundo a fonte, marcaram a assinatura dos contratos para a próxima quinta-feira, dia 26, e o ministro do Planejamento, Delfim Netto, foi informado de tudo antes de viajar, ontem, para os Estados Unidos, pelo voo 880 da Varig.

A participação direta do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos e do FMI foi decisiva para vencer a resistência

dos bancos. Um alto funcionário do Tesouro e o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, telefonaram pessoalmente para vários presidentes de bancos centrais, pedindo que usassem sua influência para convencer os banqueiros privados a aderir ao "pacote". No Bahrein, por exemplo, o presidente do Banco Central enviou um telex-circular a todos os bancos do país encarecendo a importância de continuar participando da renegociação da dívida dos países em desenvolvimento, especialmente do Brasil.

Um banqueiro árabe explicou ontem a este jornal que a queda nas receitas do petróleo está criando problemas para o balanço de pagamentos de todos os países produtores no Oriente Médio. Ele confirmou que há algumas semanas vários bancos árabes retiraram depósitos que tinham em bancos de Nova York para poder atender a compromissos.

Essa, segundo o banqueiro, seria a única razão para a resistência em aderir à renegociação brasileira. Outros banqueiros, entretanto — brasileiros e americanos —, ofereceram outra explicação. A maioria dos bancos da Arábia Saudita e do golfo Pérsico pertence a famílias e são em geral muito cautelosos em suas aplicações. Segundo essas fontes, os países em desenvolvimento, em especial o Brasil, estariam sendo considerados investimentos arriscados.

Na quarta-feira à noite, Rhodes e Pastore já tinham recebido notícia de que os bancos árabes iam finalmente aderir. O total de compromissos recebidos até então (inclusive alguns cujos telex ainda haviam chegado) já tinha ultrapassado US\$ 6,460 bilhões, faltando, portanto, apenas US\$ 40 milhões, que foram finalmente obtidos ontem e cujos telex devem chegar hoje. Como hoje é dia de descanso nos países árabes, é possível mesmo que alguns cheguem apenas amanhã de manhã.

Quando este jornal lembrou à fonte que os bancos árabes também haviam prometido anteriormente a Delfim e a Pastore e depois não enviaram seus telex, a resposta veio rápida: "But this time they can't fail" ("mas desta vez eles não podem deixar de cumprir").

Também já enviaram suas adesões todos os bancos latino-americanos. Alguns bancos venezuelanos e argentinos ainda não haviam confirmado sua participação, mas os respectivos bancos centrais lembraram a cada um deles que as renegociações com a Argentina e a Venezuela vão começar e que muitos bancos privados brasileiros estarão envolvidos.

O ministro Delfim Netto deverá anunciar hoje o fechamento do "pacote". Na segunda-feira, ele e o ministro Ernane Galvão, que estará chegando a Nova York pela manhã, seguirão para Washington, voltando na quarta-feira para a assinatura dos contratos, o que ocorrerá no dia seguinte, em um dos grandes hotéis de Nova York. Na mesma noite, Galvão seguirá viagem para a Europa, enquanto Delfim e Pastore retornarão ao Brasil.